

Computadores: super-heróis ou vilões?

[SILVA FILHO, João Josué da. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências na Educação, Núcleo de Publicações, 2000. 200 p.]

Karla Isabel de Souza e Sérgio Ferreira do Amaral***

Este trabalho é um estudo realizado com crianças e professores, para levantar as possibilidades pedagógicas do uso da informática na Educação Infantil.

O tema central é a construção de conhecimento no uso de informática na Educação, tendo o professor como mediador e os *softwares* como ferramentas. Os assuntos abordados e analisados demonstram a importância do tema na contemporaneidade.

A Educação Infantil é o foco, mas o livro é uma boa leitura para educadores de todos os níveis de ensino, pois discute educação, comunicação e novas tecnologias. Serve de guia para educadores dessa área, apresentando comentários sobre vários *softwares*, e também pode ser utilizado como modelo para outros educadores que precisem pensar o uso de *softwares* ou da informática em seu campo de atuação.

Como afirma Maria Luiza Belloni na apresentação do livro:

O autor busca mostrar que é preciso ter clareza de que os computadores são ao mesmo tempo heróis e vilões, em todas as situações em que as crianças os utilizam, que eles estão no mundo delas, fazem parte do universo de socialização, pelo menos para aquelas que têm acesso a estas técnicas. Para as outras, os milhões de crianças brasileiras excluídas, a escola pública é a única via de acesso a estas 'máquinas maravilhosas', sendo esta a razão principal para sua integração à educação (Belloni, p.11).

A primeira parte da obra discute se computadores são prejudiciais à educação infantil, chegando à conclusão de que é preciso ficar atento às oportunidades

* Doutoranda e pesquisadora do Lantec – Laboratório de Novas Tecnologias aplicadas à Educação da FE-Unicamp. karla@unicamp.br

** Professor do Departamento de Ciências Sociais na Educação (Decise) e Coordenador do Lantec – FE-Unicamp. amaral@unicamp.br

oferecidas sugerindo um cuidado com propostas inconsistentes. Também conta a história do reconhecimento da Educação Infantil. Relata que apenas em 1989 houve um reconhecimento da sociedade, com relação a os direitos da infância¹.

Ainda atenta para a sociedade atual, muito influenciada pela comunicação de massa, com transformações aceleradas, em que a tecnologia tem papel mediador, além de ser fruto das mediações. A mediação referida é a “mediação generalizada”, que é a relação que cada indivíduo tem consigo, com outros e com o mundo.

Essa mediação generalizada é que estabelece os parâmetros de uma nova cultura, que passamos a chamar de comunicacional, em cujo contexto os meios de comunicação são as tecnologias mais ostensivas, embora não sejam as únicas presentes (p.49).

A segunda parte detalha a pesquisa de campo, na qual se podem observar as circunstâncias do desenvolvimento da pesquisa e a discussão da linha teórica adotada. Para o autor, a participação de professores foi fundamental, principalmente para que pudesse realizar um diagnóstico de conceitos e de representações acerca do uso pedagógico da informática.

A primeira constatação é a de que existe a necessidade de haver investimento em formação de professores, para que estes possam ampliar seu domínio sobre os computadores e os programas. A proposta feita ao grupo de formação — professoras que estavam envolvidas na proposta — foi a de construir conhecimento:

considerando que, ao concluir suas próprias apresentações, o sujeito aprende a antecipar estratégias de soluções para seus problemas, a planejar seus passos e a refletir mais sobre os procedimentos e os produtos que executou (p. 59).

A participação de crianças no laboratório de informática também proporcionou algumas observações. Uma delas diz respeito às experiências que possuíam. O mesmo grupo de crianças foi disposto em três grupos diferentes: o primeiro era composto por crianças que não sabiam usar o *mouse*, mas tinham familiaridade com o computador, apesar de não possuí-lo em casa. O segundo grupo, minoria, reunia crianças que dominavam o *mouse* e outras ferramentas e possuíam computador em casa. O último grupo era formado pela maioria das

1. A Convenção Internacional sobre Direitos da Infância redigiu 54 artigos voltado relativo aos compromissos que a sociedade atual deve assumir com relação às crianças. No Brasil, iniciou-se o debate sobre a versão preliminar do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MEC/SEF/COEDI, 1989).

crianças, que não sabiam usar o *mouse* e não tinham informações sobre o computador.

Aplicativos e *softwares* foram usados nas tarefas, e os objetivos das atividades são claros no livro:

aprender a lidar com o ambiente informatizado na presença de crianças, ha de aproveitar pedagogicamente esse espaço e de como articulá-lo ao conjunto de atividades outras já desenvolvidas normalmente no espaço das pré-escolas (p. 69).

Depois dos estudos com o grupo de formação, o autor estabelece uma linha de raciocínio em relação à Educação Infantil com o uso pedagógico da informática. A primeira constatação é a de que não se separa o “cuidar” do “educar”; a segunda diz respeito às experiências de vida, afirmando que “cada ser humano entra em contato com o ambiente e a cultura construída coletivamente, socialmente; acumula experiências; seleciona as mais significativas para si e descarta as que considera indesejáveis” (p. 74).

O autor revela preocupação com o excesso de valorização de um tipo de conhecimento que se convencionou chamar de científico. Embora reconheça a importância deste na sociedade contemporânea, relata pesquisas que demonstram que, devido a esse descompasso, principalmente a Educação Infantil tem enfrentado situações desastrosas. Por isso, reforça a necessidade de desenvolver estratégias de trabalho, visando o uso pedagógico da informática com as crianças.

Na seqüência, o texto trata dos problemas gerados quando se tenta agregar o trabalho pedagógico com informática. Escolher equipamentos (*hardwares*) – até mesmo um bom equipamento de multimídia –, *softwares* e referências em língua portuguesa é uma dificuldade que os educadores enfrentam.

A pesquisa fez um cadastro de *softwares*, buscando definir a categoria (idade a que se destina), a descrição (do que trata o jogo), os objetivos, o conteúdo e os recursos de que eles necessitam para funcionar. Também foram realizados testes com os *softwares*: o primeiro buscou analisar a interface (questões de usabilidade); o segundo buscou examinar a qualidade educativa do *software*; o terceiro, determinar o “preconceito” e avaliar valores presentes nos *softwares*.

Por fim, o texto fala dos limites e das perspectivas da pesquisa. Quanto à capacitação do docente, afirma que não se pode priorizar a instrumentalização e que o importante é haver um “esforço no sentido de propiciar uma vivência coletiva de práticas educacionais alimentadas pela reflexão acerca das situações vivenciadas” (p. 103).

Sobre o uso do computador na sala de aula são expostas várias perguntas e respostas, que buscam apontar os prós e os contras do uso da informática. O

livro traz um posicionamento sério e embasado em pesquisa, o que faz o leitor refletir sobre o assunto.

Ainda há, anexa ao livro, uma lista de *softwares* com comentários, que poderá ajudar quem está buscando mais informações sobre o tema.